



CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS
SECRETARIA REGIONAL PARA O BRASIL

CONSULTA: “ECLESIOLOGIA E MISSÃO DUAS ABORDAGENS DA
CAMINHADA DA IGREJA” – SÃO PAULO –SP 23/04/2010

NOVAS MANEIRAS DE SER IGREJA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Gedeon Freire de Alencar – gedeon@betesda.com.br

Ano passado estando em BH, por ocasião do congresso da Soter, fugi três noites seguidas. Na quarta, fui à *Igreja Caverna do Adulão*, um grupo de heavy metal; na quinta, a *Igreja Batista da Lagoinha*, no *Culto dos motociclistas*; na Sexta, a *Igreja Batista da Floresta*, na *Vigília do Rancho dos Profetas*. Em todos cultos teve louvor, mensagem, ofertório, apelo – uma liturgia básica e padrão de qualquer outra igreja com culto normal. O que diferenciava, então, estes grupos nesses cultos? O público. A freguesia ou os consumidores em suas peculiaridades de vestimentas, estilos, interesses e ênfases. Enfim, o *tribalismo urbano*.

Essa é, provavelmente, a nova dimensão eclesiológica mais original: igrejas segmentadas de tribos urbanas.

O que são tribos urbanas? Michael Malffesol, em seu livro *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós modernas (1985)*. Conceitua genericamente as tribos urbanas assim: são abertas, exclusivas e instáveis; contestatórias e passivas. Contracultura underground, cultura alternativa ou marginal.; contra a cultura familiar e religiosa padrão (no mundo ocidental, principalmente); movimentos típicos de contestação social de rebelião dos jovens, com consumo de drogas, sexo livre (pós pilula); cultura anárquica (na acepção política) – contra o sistema capitalista burguês consumista. Em busca de (alguma) utopia. A construção da (nova) identidade: vestuário, música, ideologia, esportes, dialetos, espaços urbanos. Dentre outros, temos os seguintes grupos: *emos, clubbers, drag queens, cults, góticos, grafiteiros, grunges, hyppes, metaleiros, pagodeiros, patricinhas e mauricinhos, rappers, roqueiros, shinkeads, surfistas, baladeiros, nerds, regueiros, playboys, punks, rastafáris*.

A nova delimitação geográfica das igrejas-templos.

ANTES	HOJE
1. A delimitação <u>geográfica</u> dos templos (a paróquia, a diocese), como elemento fundante de nossas igrejas antigamente foi alterada. A igreja era formada por gente próxima ao templo.	A delimitação eclesiológica atualmente, passa por estacionamento, sanitário, berçário, bebedouro, e, principalmente, pela localização do templo;
2. A identidade de uma igreja era percebida pela bíblia usada e pelo louvor: <ul style="list-style-type: none"> • Bíblia Trinitariana, Scofiel, Tradução João Ferreira de Almeida, RC, RA; • Hinários: <i>Cantor Cristão</i>, Igreja Batista; <i>Harpa Cristã</i>, Assembléia de Deus; <i>Salmos e Hinos</i>, Igreja Presbiteriana; 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Bíblia da Mulher, Bíblia do/as Menino/as, Bíblia Teen, Bíblia de Vitória (sic) Financeira;</i> • Atualmente, globalizados, em todas as igrejas cantam-se as mesmas músicas. Modas de músicas: chuva, paixão, adoração, restituição, etc;
3. A delimitação social dos grupos. Há combinações esdrúxulas e inimagináveis. Os inúmeros cruzamentos mesmo entre os “tradicionalistas”: <ul style="list-style-type: none"> • Batistas presbiterianos; • Presbiterianos congregacionais; • Pentecostais episcopais: “moda apostólica”; • Assembleianos renovados pentecostais; • Luteranos pentecostais; • Evangélicos esotéricos¹; • Pós denominacionismo : uma mesma denominação e várias igrejas; 	<p>- Evolução do conceito de templo nas ADs: templo-casa, templo-pensão, templo-shopping.</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Igrejas Alternativas”: • <i>Espiritualidade Libertária</i>. Reuniões na calçada do centro cultural de São Paulo; • <i>Tribal Generation</i>; • <i>Ajuntamento das Tribos</i>; • <i>Caminho da Graça</i>. A negação (institucionalizada) da instituição; • <i>Comunidades autônomas</i>; • Bricolagem religiosa e o sincretismo gospel.

IGREJAS LIQUIDAS:

Segundo a teorização de Zygmunt Bauman (2007), em *Vida Líquida*, e também em *Modernidade Líquida*, a realidade social de forma macro e as relações pessoais em uma relação micro, tem dentre outras as seguintes características: estrutura difusa, produção e produtos com validade datada, obsolescência de dados, falta de regulamentação e perenização das relações, morte das utopias, relações fluidas, correm e escorrem sem obstáculos, ausência de peso e densidade, etc. Na sociedade líquida, como na realidade virtual tudo é fácil, simples, rápido, mas sobretudo descartável. Fluido, enfim, líquido. A “liquefação dos laços sociais” é marca fundamental.

¹ Elementos pagãos, fechamentos de chacras, processo de cura interior, uncão de lugares e objetos, etc.

Como sintetiza Bauman (2007:8):	Como sintetiza Amorese (1993:91-94), sobre a igreja:
<p>“vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram este tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar o rumo antes de tomar o caminho de volta. A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça as mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridades sobre adquiri-las.”</p>	<p>“numa sociedade moderna, uma pessoa pertence a diversos grupos. Nosso fiel moderno não é diferente: tende a pertencer a diversos grupos e também a diversas igrejas.(...)Desta forma, nosso beija-flor eclesiástico tende a fragmentar-se também quanto a comportamentos, atitudes, sonhos, cosmologias, etc. socialmente, ele pertence a todas as igrejas. Portanto, não pertence a nenhuma. (...) doutrinariamente, ele tem uma cabeça tipo “nova era” evangélica: salada de frutas cristãs. Como a pluralidade horizontalizou as propostas, tornando-as todas opções válidas e como ele sobre de crise de autoridade, suas escolhas seguem o mesmo padrão do supermercado. Enche seu carrinho doutrinário das coisas que mais o agradem”.</p>

Não estamos, portanto, nesta realidade social, também produzindo uma “igreja líquida”? Nem pior nem melhor que nossa época, apenas a realidade. Além do exposto, vejamos algumas considerações um tanto aleatórias:

- O tribalismo fluido. A realidade eclesiológica para além da transcendentalidade espacial e temporal, no seu novo modelo tribalizado, também é afetada pela mistura das tribos. As tribos são também intercambiáveis. Comercial do *Mcdonalds*, distintos, mas misturados. Os membros de distintas tribos se encontram e se misturam nos espaços de diversão, escolar, familiar, esportivo, etc. Por que não, também, nos religiosos? Se segmentar, mas igualmente, se misturam.
- Mais uma peculiaridade de nosso tempo: hoje temos templo ANTES da igreja. Isso valoriza mais o espaço que as, ademais, não é necessário relações comunitárias mais próximas. “A proximidade não exige mais a proximidade física; e a contigüidade física não determina mais a proximidade” (Bauman, 2007:14)
- “Igreja franquia”: uma denominação/estilo que alcança o país em poucos anos. Modelo administrativo, estilo de louvor, esquema de arrecadação, etc. É um modelo de racionalização econômica para dá (mais) lucro ao seu(s) idealizador(e)s.
- Quanto o carro interfere em nossa eclesiologia? Por razões óbvias, nossas igrejas nas grandes cidades, ou mais pessoalmente, os membros de nossas igrejas só reúnem, – quando conseguem – uma vez por semana. O conceito de igreja, *povo convocado*, já teria, a partir da questão do tem-

po, de ser refeito. Ademais, o povo que se reúne localmente, não mais vive localmente; na região da paróquia. Por que as pessoas – de carro... – vêm a esta igreja/templo e não aos mais próximos de suas residências? As pessoas modernas, não sabem fazer nada se não for de carro.

- O interesse do grupo/tribo, ou mais particularmente o *interesse* imediato de cada indivíduo é o elemento principal *definidor da escolha* da religião. Em síntese, é isso o que o sociólogo Rodney Stark (2008:207), diz em sua *Teoria da Escolha Racional – T.E.R.* Escolhe-se uma religião a partir de um cálculo entre *custos* e *benefícios*. “Os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que percebem ser custos”.

Questões para pensar:

1. A igreja antigamente tinha como limite o espaço geográfico: os membros eram, paroquialmente, as pessoas que moravam próximas. A igreja, atualmente, é formada por pessoas que moram longes umas das outras, mas tem alguma afinidade social. Isso, evidentemente, altera muito sua natureza eclesiológica. Quais as atividades de integração possíveis?
 2. A “tribalização social” da nova igreja também não é fixa e permanente, a urbanização é cada vez mais fluida e absurdamente contraditória (até onde for possível delimitar o que seja contraditório neste contexto), como lidar com esta “igreja líquida”.
-
-